

Black Mirror: Identidade e imortalidade na era digital

Mariana Mendes Lopes

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

Resumo

Buscamos a imortalidade desde os primórdios da sociedade. Registramos nossa vida e pensamentos na tentativa de mantê-los eternos. De pinturas em tela até a fotografia, esse desejo de manter congelada nossa imagem sempre foi em parte, possível. Com o atual avanço da tecnologia, podemos finalmente guardar mais do que a imagem: possuímos nossa vida e personalidade na nuvem e nas redes sociais. Esse artigo analisa as possíveis complicações dessas tecnologias e o conceito de imortalidade digital a partir do episódio “Be Right Back” (“Volto Já”) de Black Mirror.

Palavras-chave: Black Mirror; Imortalidade Digital; Identidade;

Introdução

Com o decorrer dos anos foi se tornando cada vez mais predominante nossa presença nas redes sociais. É incomum encontrarmos alguém que nunca teve contato com redes como Facebook e Instagram, por exemplo. Nosso cotidiano se tornou diretamente conectado à mídia, e é evidente a dependência digital em níveis pessoais à econômicos que se foi construída atualmente. O contínuo crescimento da utilização da Internet resultou numa quantidade incalculável de informações registradas digitalmente - o big data. Segundo o dicionário de Cambridge, big data é um grande conjunto de dados produzidos por pessoas que utilizam a internet, e somente pode ser armazenada, utilizada e entendida com a ajuda de ferramentas específicas. Esses dados são normalmente utilizados por empresas para aperfeiçoar o alcance e eficácia do marketing, mas também pode ser utilizado para análises.

Um usuário comum que utiliza as redes sociais para atividades como, por exemplo, fazer upload de fotos, pesquisas, check in em lugares visitados, utilização de sistemas de mensagens, entre outras coisas, aos poucos registra sua rotina e constrói sua personalidade virtual. Cada informação alimenta o big data e a identidade digital do indivíduo.

Essa construção nos conecta ainda mais profundamente com a máquina e nos torna uma expansão dela. Nossa personalidade se tornou diretamente correspondente ao que se é publicado, tornando o big data uma memória virtual e coletiva de enormes proporções. Mas e depois? Eventualmente, o ser humano morrerá, porém seus traços ainda permanecerão registrados digitalmente. O virtual não morrerá com seu corpo físico.

O conceito de imortalidade digital já é algo acessível com a rede social Eter9, desenvolvida por Henrique Jorge, que tem como proposta publicar e interagir em nome do usuário após seu falecimento, de acordo com o que ele publicava em vida.

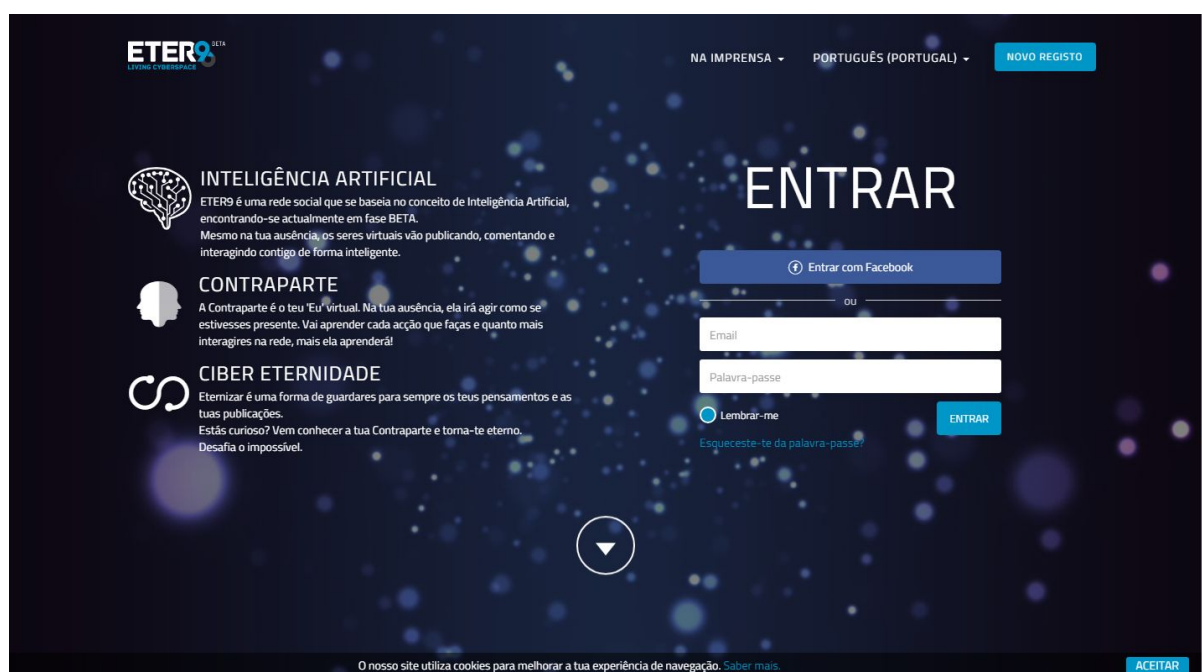


Imagem 1 - Print da rede social Eter9.

Seria essa uma forma de alcançar a imortalidade? A informação guardada sobre cada indivíduo seria suficiente para reproduzir nossa mente após a morte física?

1. Black mirror e a vida digital após a morte

Black mirror é uma série de ficção científica criada em 2011 por Charlie Brooker, e tem como temas a relação da sociedade e indivíduo com a tecnologia e suas consequências. Cada episódio possui uma narrativa, ambientação e personagens diferentes, fazendo deles como únicos em sua construção.

O primeiro episódio da segunda temporada, “Be right back”, se inicia mostrando a relação entre Martha (Hayley Atwell) e Ash (Domhnall Gleeson). Alguns aspectos de sua vida são explorados, como seu gosto musical e memórias de infância. Porém, essa relação é interrompida com a morte repentina de Ash após um acidente de carro. Durante o funeral, uma amiga sugere à Martha uma ferramenta que permite a comunicação com o marido após a morte. Martha hesita, mas ao receber um e-mail, decide em seguida experimentar o serviço, que simula a personalidade e conversas de Ash. São utilizados vídeos, mensagens de texto e postagens em redes sociais para reproduzir com fidelidade a pessoa que Ash foi em vida. Martha se surpreende com a semelhança dessa reprodução e aos poucos se torna dependente, encontrando conforto nessa simulação, principalmente após a descoberta de sua gravidez.

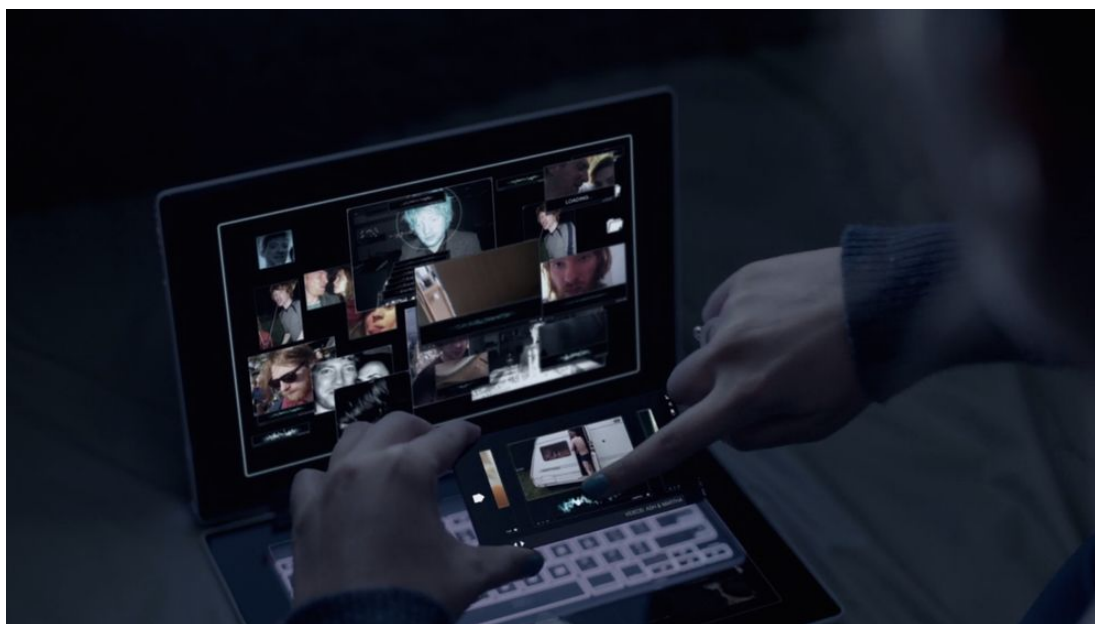


Imagem 1 - Cena de “Be right back”. Martha transfere vídeos para incrementar a simulação de voz e personalidade de Ash.

Após ter danificado seu celular, a representação de Ash oferece uma evolução dessa ferramenta, sendo essa a réplica de seu corpo físico. Martha se convence e adquire o serviço. Durante sua ativação, conflitos passam a surgir. O estranhamento causado por esse corpo sintético é evidente desde o início e pequenas falhas são presentes, como não possuir algumas marcas de nascença que Ash possuía.

Com o decorrer da história, Martha percebe cada vez mais falhas nessa simulação, como, por exemplo, o fato de Ash não reconhecer a irmã de Martha, e ao reagir rindo à uma foto de infância que o remetia à memórias ruins, pois publicou online como algo engraçado. O que não se está registrado e não foi publicado não pode ser reproduzido, logo, percebemos como sua identidade virtual, por mais que extensa, é insuficiente. Essas informações também podem ser manipuladas, causando uma desconexão com a realidade e com o que se é representado online. Isso causa uma insatisfação em Martha, que pede para Ash ir embora, sem sucesso, pois o robô não pode se afastar demais do seu ponto de ativação, no caso, Martha. Ela tenta novamente, ao pedir para ele se jogar de um penhasco, a qual a simulação responde mecanicamente que isso não é possível, devido ao fato de Ash jamais ter expressado nas redes sociais possuir tendências suicidas.

O episódio termina com Martha após alguns anos terem se passado, com a filha do casal e o robô de Ash no porão de sua casa. Martha se tornou incapaz de permanecer em convívio com a réplica devido à superficialidade e incapacidade de reproduzir genuinamente suas emoções, assim como enquanto era vivo.



Imagem 2 - Cena de “Be right back” mostrando a réplica de Ash no porão, enquanto a filha de Martha aparece para o oferecer um pedaço de bolo.

Essa história levanta questões sobre a perpetuação de nossa mente após a morte de nosso corpo físico. Seria a imortalidade digital a maneira mais eficiente de possuímos vida eterna? A hipótese de simular nossa personalidade seria o equivalente a reproduzir nossos sentimentos e complexidade?

Segundo Tomaz Tadeu em “Nós, Ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano”, a relação entre humano e máquina se tornou interligada ao ponto de não possuir mais um limite entre sua separação. É questionado “*onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria a inversa?: onde termina a máquina e onde começa o humano?*” É evidenciado em “Be right back” que ainda possuímos uma discernimento essencial entre nossa subjetividade humana e a máquina. Essa subjetividade se perde em sua simulação - é limitada. Mesmo extremamente ligados à máquina, o que se está publicado não é capaz de reproduzir a complexidade de nossas memórias, vivência e personalidade.

Se existe, entretanto, uma criatura tecno-humana que simula o humano, que em tudo parece humana, que age como um humano, que se comporta como um humano, mas cujas ações e comportamentos não podem ser retroagidos a nenhuma interioridade, a nenhuma racionalidade, a nenhuma essencialidade, em suma, a nenhuma das

qualidades que utilizamos para caracterizar o humano, porque feita de fluxos e circuitos, de fios e de silício, e não do macio e fofo tecido de que somos ainda feitos, então é a própria singularidade e exclusividade do humano que se dissolve. A heterogeneidade de que é feito o ciborgue – o duro e o mole, a superficialidade e a profundidade – invalida a homogeneidade do humano tal como o imaginamos. TADEU, (Tomaz. ANTROPOLOGIA DO CIBORGUE, 2000. P. 13)

Cada tentativa de reprodução somente simulará dados incompletos e manipulados. Toda informação produzida e armazenada no big data será somente cópias e junções de dados que com o tempo se tornarão obsoletos e ainda mais insuficientes. A máquina ainda não é capaz de possuir nossa subjetividade.

Considerações finais

A imortalidade digital será útil para manter resquícios do que fomos em vida, e servirá como registro fiel de nossa geração. Porém, a partir do momento que essas memórias viram uma simulação como tentativa de uma “pós morte”, se perde a essência e complexidade do ser humano e sua mente.

Como visto em “Be right back”, nossos sentimentos e individualidade ainda não podem ser simulados, tornando dessa réplica e imortalidade algo superficial e vazio do que fomos enquanto vivos.

Referências Bibliográficas

HARAWAY, Donna. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

NASCIMENTO, Elias. Eter9: rede social criada por português promete “imortalidade digital”, 2015. Disponível em <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/85382-eter9-rede-social-criada-portugues-promete-imortalidade-digital.htm>>. Acesso em: 16 de maio, 2018.